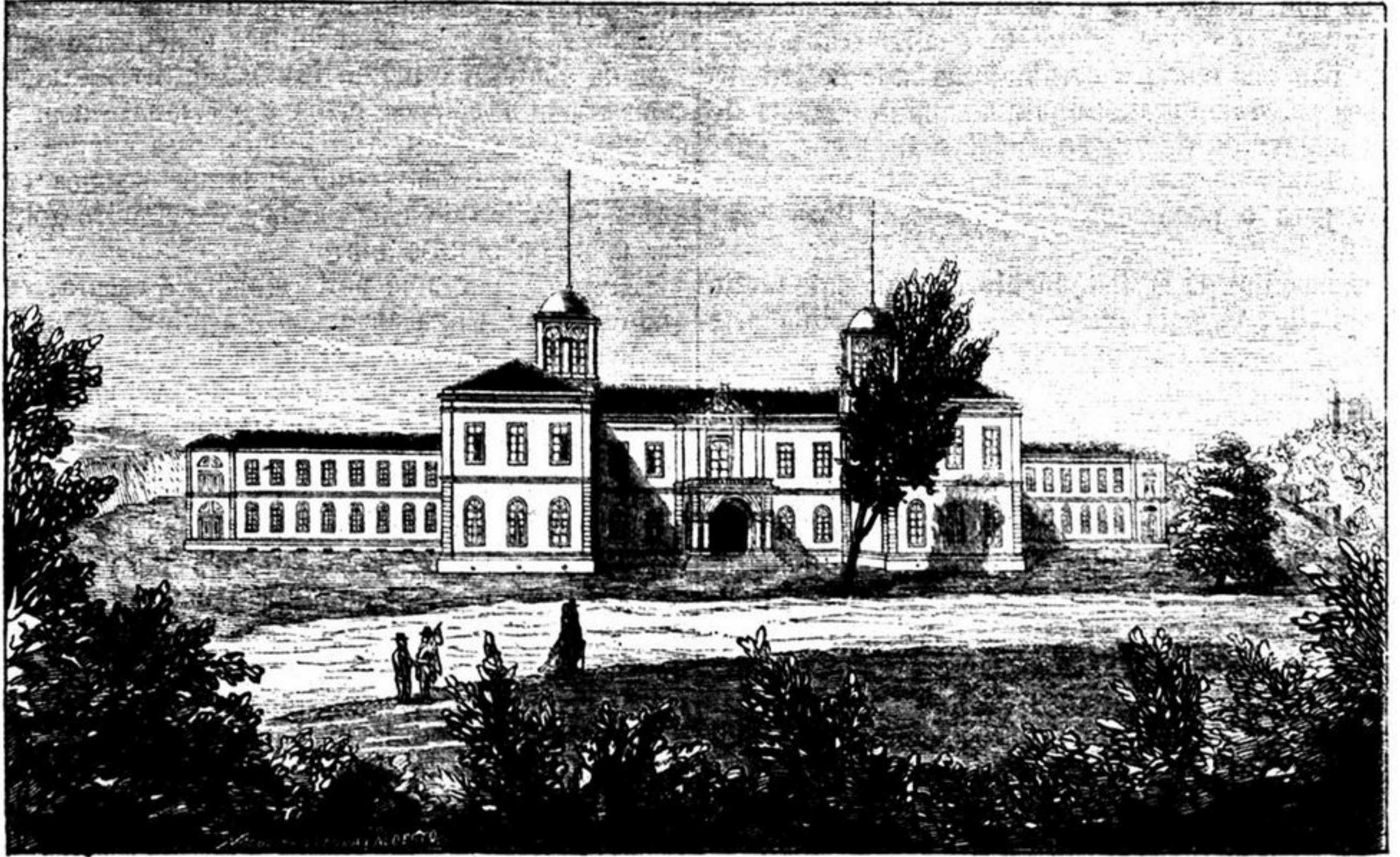


O PANORAMA

SEMANARIO DE LITTERATURA E INSTRUCCAO



Hospital de D. Estephania

Se a historia mui breve do vasto e elegante edificio que a gravura, em um desenho pittoresco, representa, nos aviva pungentissimas saudades, temos, por outro lado, a profunda satisfacção de ver nelle um dos mais fecundos e luminosos rastos que um sensivel coração e uma alma naturalmente piedosa podem deixar sobre a terra.

É obra dos sentimentos caridosos de D. Estephania o magnifico hospital, quasi concluido, que hoje se admira na parte mais elevada da bella quinta da Bemposta.

Em a cogitação permanente do seu bondoso espirito, tinha aquella rainha sentido a necessidade de se criar um hospicio exclusivamente dedicado ao tratamento das criancinhas pobres que a doença atacasse no berço da miseria. Merecia-lhe a humanidade este particular affecto, nesse ponto do vario caminho da vida, onde a angelica esposa de D. Pedro V parava sempre, para selar com um osculo da sua ternura as faces puras da innocencia.

Não chegou D. Estephania a ver cumprido o seu voto; mas a sua alma vóu tranquilla para a mansão dos justos, porque bem sabia que no coração do rei continuava a viver com a mesma iniciativa e energia de piedade.

E não se enganou aquelle anjo da realesa.

Para o desditoso monarcha, foi sempre a realisacção de tão generoso desejo e o pensamento dourado que lhe illuminava as negras saudades da viuvez, e o pesadello tremendo que lhe apertava o coração, quando elle, como se presentisse o rastejar da aza da morte, que já perto de si esvoaçava, temia succumbir, tambem, antes de desempenhar a sua palavra de esposo dedicado e de rei exemplar.

Não socegou D. Pedro V em quanto não vio collocada a primeira pedra, levantadas as abobadas, erguidas as paredes do edificio que havia de recolher debaixo dos seus tectos os filhinhos enfermos do proletario. Poucos dias se passavam, que não fosse consumir algumas horas em observar e incitar o andamento das obras, de que elle era o mais intelligente architecto. Tinha pressa, ávida pressa, pressa insaciavel de as concluir, porque sentia fraquejar-lhe o pulso em que suspendia a mão gelada de uma teimosa e sinistra fatalidade que principiava a poisar-lhe no peito arquejante. Era o presentimento dos seres privilegiados pela virtude, esse immenso fio electrico que communica com Deus, o unico revelador que póde mostrar a urna onde a sorte da vida de todas as cousas se encerra e desenrola.

D. Pedro V adivinhava. A meio caminho do des-

empenho da sua palavra e da sua gratidão, vergou, também, para não mais se erguer, ao sopro desabrido do sinistro vendaval que, ha poucos annos, assolou os paços dos nossos reis.

As obras pararam então. Mas muito reprehensível se tornaria este paiz, se parassem como tantas outras, que, incompletas e em ruinas, jazem espalhadas por todo o territorio. Quiz a fortuna que, desta vez, o lucto e a tristeza nos não sepultasse em um completo abatimento moral; que não nos tendo o desalento fechado de todo os olhos podessemos distinguir a sombra augusta de um martyr da dedicação social e do amor, que, pela fenda do seu tumulo semi-aberto, nos apontava para o pagamento d'aquelle voto duas vezes insultado pela morte.

O hospital de D. Estephania, actualmente muito adiantado, é, pela sua grandeza, originalidade, e perfeita harmonia entre as condições da sciencia e da arte, um dos mais notaveis da Europa, e, como tal, é apontado em uma obra ingleza intitulada — *Notes on hospitals, by Florence Nightingale*. — Tem a fórma de um parallelogramo, medindo 135 pés de comprimento e 75 de largura.

É ao centro dos lados maiores do parallelogramo, que são os lateraes do edificio, que se estendem as suas principaes enfermarias, iguaes e symmetricas. Medem 130 pés de comprimento, e acomodam todas mais de 128 camas. Além d'estas enfermarias, ha outras parciaes de pequenas dimensões.

A frente do edificio compõe-se, como se vê na gravura, de dois pavilhões, e de um portico de ordem dorica, sobreposto de uma elegante varanda de balaustrada, coroada por um frontão, onde se relevam, enlaçadas, as armas de D. Pedro v e de D. Estephania.

Em seguida ao vestibulo, abre-se um grande pátio, que ha de ser ajardinado. Ao fundo fica a capella. O edificio tem dois pavimentos, e é isolado do terreno por uma solida abobada, medindo 8 ou 9 pés de altura. Primitivamente devia esta abobada ser incommunicavel, não lhe deixando porta alguma, e essa era a vontade invariavel de D. Pedro. Modificou-se, porém, aquelle escrúpulo, talvez demasiado, aproveitando-se tão grande espaço para depositar objectos que não firam, por qualquer motivo, as leis da hygiene.

Pela sabia e intelligente iniciativa do sr. Julio Pereira de Carvalho, que hoje dirige os trabalhos, muitas outras alterações se fizeram, já em relação á commodidade, já em relação á belleza architectonica, sendo a mais importante de todas, a idéa de, quando concluido, abrir as portas do caridoso hospicio de D. Estephania aos moços e velhos a quem a fortuna negou os seus sorrisos.

NOGUEIRA DA SILVA.

A HYPOTHESE DE PROUT

I

No seculo XV, quando o renascimento das artes e das lettras abria os primeiros aliceres do grande

edificio da civilização moderna; quando, por entre o negrume de mil superstições, se alevantavam por toda a parte, homens convictos e pertinazes, que buscavam na antiguidade grega e romana o germen fecundo, que gerára a arvore da sciencia nesse seculo cheio de peripécias grandiosas e episodios epicos, de luctas sanguinosas e renhidos combates, de inventos immortaes e pesquisas continuadas; nesse seculo em que o historiador philosopho se compraz de encontrar o primeiro lampejo da analyse, o brilho intenso do livre exame, começaram a cair os erros e os fanatismos, e de envolta com elles, a alchymia, essa epopea de uns novos argmautas, que andaram seculos em busca do vello de ouro, recebeu o primeiro golpe das mãos da philosophia.

Em 1472, por uma noite sinistra e escura, em que o levante rugia ao longe e açoitava as ondas do mediterraneo, que se erguiam angustiosas, desembarcava na ilha de Rhodes um velho alquebrado de annos e fadigas, e sósinho, desamparado, como Bias, depois do naufragio, escoou-se por uma rua deserta, estreita e humida.

Sombra de um homem seguindo por entre sombras de edificios derruidos, o velho caminhava, e os seus passos vacillantes por altas horas da noite eram a imagem lugubre da vida do homem, que deixou o caminho conhecido por se lançar nos trivios das paixões. Depois de ter atravessado ruas e viellas, cada qual mais sombria e triste, chegou enfim o ancião a uma rua ainda mais estreita e tendo-se certificado, provavelmente, que não se enganára, bateu duas argoladas em uma porta escusa, perdida quasi na espessura da parede.

Abriu-se logo a porta e o vulto entrou.

Depois ficou tudo em silencio.

Em vasta quadra escassamente allumiada por um candelabro de bronze, via-se um velho, raras farrepas brancas, rosto enrugado, boca semi-aberta, mãos osseas e pendentes, corpo corcovado e decrepito. Fôra a imagem da morte, se os olhos lhe não brilhassem no interior do craneo, como dois luzeiros em noite escura.

A mobilia da casa era extravagante, confusa, amontoada, e denotava que o habitador era homem, que se entregava, talvez, aos trabalhos da magia e das sciencias occultas.

Retortas de ferro, anquilosadas e agachadas como monstros, cujas entranhas fossem de fogo; alambiques, que distillavam substancias ignotas; frascos multiformes contendo liquidos de todas as cores; aqui um funil agigantado, por onde as infusões escoavam, como num tragadouro insaciavel; além um recipiente de cobre; em todos os cantos multidões de objectos e instrumentos, cada qual mais estranho e mais irregular.

Nas paredes via-se, já um crocodilo gigante, já uma cobra, já as armas de um veado, já a plumagem brilhante de uma ave equatorial.

— Quem és? perguntou o sabio ao visitante.

— Um adepto.

— Guia-te Mercurio, ou Ammon?

— Ammon, pae de Minerva, a deusa da sabedoria.

— Não queres riquezas?

— Filho dos magos, para que me servem riquezas, se o meu fim é a grande obra?

— E para que trabalhas na grande obra, se a vida é transitoria e não conheces o elixir? Perguntou ainda o velho, despedindo uns raios vivos e penetrantes dos olhos.

— Porque? lhe tornou o forasteiro apurando o corpo corcovado e retezando os braços. Porque? Ouve, grande homem, sabio do oriente, oriundo dos cophtas. Conto sessenta e dois invernos. Já o frio dos annos me vae enregelando o coração no peito. Nobre, rico, respeitado, nasci em ruim conjunção, pois mal cheguei ás primeiras alvoradas da mocidade, fiz-me adepto da grande obra, e alistei-me na santa confraria dos sabios. Não poupei esforços nem dinheiro. Aprendi tudo; vivi com os maiores mestres; comprei-lhes os segredos e inventei, até, novas operações, que ainda hoje são mysteriosas para quasi todos os nossos irmãos. Percorri a Italia, meu berço formoso, a Hespanha, a Arabia, a Persia; depois fui á Escossia, á Inglaterra, á Hollanda; visitei a França, a Italia; voltei outra vez ao Oriente pela Palestina; e hoje, velho, posto que com a mesma fé, venho a ti, ao luminar das sciencias occultas, das sciencias defesas ao vulgo, para que me inicies nos teus maravilhosos segredos.

— Tu és o conde Bernardo, o Trevisano?

— Sim! respondeu este, estendendo as mãos supplices. Sou um naufrago. Já não tenho apoio, se bem que o meu nome seja illustre nos nossos annaes. Sou um desenganado ou um infeliz, se tu não me soccorres com os teus conselhos.

— Tens fé viva na pedra philosophal?

— Sim! porque tenho fé em ti.

— Pois bem, velho, trabalharemos juntos. És um sabio intrepido, e eu que me abriguei no manto religioso, por me furtar ás perseguições dos ignorantes, dar-te hei uma dobra d'esse manto. A obra, já e sem detença. Busquemos o magisterio que ha de dar-nos a chuva de ouro. Busquemos o pó magico, que transmuda os metaes vis. Lembra-te, porém, do grande Alberto que dizia: para fazer ouro é necessario ouro. *Age quod agis*, é a formula.

— *Nihil conscire mihi*, respondeu o conde, sacando de uma bolsa de couro. Quanto queres?

— Oito mil florins.

— Toma. São os derradeiros.

— Está feito o pacto entre nós. *Vivat rex, currat lex*.

— Viva o ouro, deixemos obrar a natureza.

Passaram-se tres annos de improbos labores e de fadigas innumeradas. Os dois velhos, como se tivessem diante de si uma eternidade de annos, entregaram-se á obra maravilhosa com a ancianidade suprema de dois desenganados, a quem o destino impelle. Absortos, acurvados sobre as retortas, levando a cabo trabalhos de Hercules, distillando

todas as materias, ovos de abestruço, crocodilo, bicos de pelicano, entranleão, bezoares da India, azeite de Parado com mercurio e caparosa. Balfaram estes empenhos. A natureza abriu os seios feraces e uberos.

Deserente, sceptico, quasi moribundo Trevisano fugio uma noite de Rhoebre e desenganado do que viera, e em casa de seus parentes, legou um lado: *da philosophia natural dos* qual escreveu, em guisa de ironica, dois versos, chave dos mysterios al

*Nature s'ejouit de Nature
Et Nature contient Nature.*

A. OSORIO DE V

A NOIVA DO CADAFAL

(Episodio da guerra do Rouss)

I

PRELIMINARES HISTORICOS

Entrára a revolução franceza na guinolenta. Esse grande cataclysmico para todos os povos da Europa da abertura de novas eras prosperidade, aterrara-os afinal com os ia commettendo. Não percebendo, proximidade a que estavam dos a que todas essas crueldades, todas eram as companheiras fataes d'um lentissima que respondia em quatr compressão de quatorze seculos, a ter-se enganado quando acolheu os primeiros symptomas de transfeccão, quando applaudio o heroismo risiense erguido, triumphal e ser ruinas da Bastilha demolida. O e de julho deslumbrára os povos; co tristecel-os as sombras da noite de que uma horda feroz rugio embr guinaria nos aposentos não d'um d'uma mulher bella, sympathica, gresso de Luiz XVI, prisioneiro d tentativa de fuga mallograda fata rennes sobressaltou a Europa, costu tradição de seculos, a respeitar a sultos de 20 de junho indignarai lhe uma profanação a tomada da dia 10 de agosto. O captiveiro e as atrocidades de 2 e 3 de septem mente a subida de Luiz XVI ao e ram em toda a Europa um brado vação. Quem sabe o que succeder nos, aproveitando esse sentiment conservassem silenciosos na espect sem os povos contemplar cada ve pugnancia a republica franceza a lida no pendor do crime pelos M pierres, para um abysmo de sar revolução se consumisse a si mesm eão, que assustára a Europa, resta cratera negra e extincta.

Não quizeram, abriram caminho á lava, retemperaram na agua lustral do patriotismo o cutelo dos algozes, lançaram a luva á liberdade, e a liberdade, que assistia, muda e triste, á orgia de sangue que em seu nome se praticava, despregeu as azas brancas, pairou sobre a terra da França, e á sua voz brotaram soldados e generaes. Um milhão de baionetas, erguidas nas fronteiras em broquel augusto sobre o solo da patria, esconderam aos olhos da Europa, de novo admirada, a guilhotina em permanencia na praça da Revolução. Depois sabe-se o que succedeu. Refugiram os mercenarios da realesa diante dos filhos da republica, e esses evangelisadores armados, percorrendo a Europa, lançaram nos sulcos dos campos de batalha a semente da liberdade. Germinou, floresceu, fructificou ao sol do seculo XIX, e hoje os reis, vagueando exilados por toda a Europa, choram com lagrimas de sangue os erros de seus paes.

Entraram primeiro em linha a Austria, a Prussia e o Piemonte. Os exercitos francezes, sem officiaes porque todos ou quasi todos, pertencentes á classe nobre, haviam emigrado, vio os sargentos e os cabos plebeus transformarem-se em Cesares e em Alexandres. Os prussianos, guiados pelo duque de Brunswick, discipulo querido do grande Frederico, entram no coração da França. Dos desfiladeiros d'Argonne Dumouriez, genio militar desprezado pela realesa, faz as Thermopylas da nova Esparta. O canhão de Valmy, echoando em Paris, que o escuta anciosa, salva a liberdade ameaçada. Repellidos até a fronteira, os colligados vêem os exercitos brotarem do solo á voz da junta da salvação publica, e um punhado de camponezes inexperientes pisam em som de guerra o territorio dos aterrados invasores. Cinco exercitos cobrem as fronteiras. Custine entra triumphante em Francfort. Kellermann repelle os austriacos na fronteira septentrional. Dumouriez junta aos louros de Valmy os louros de Jemmapes, Montesquiou invade a Saboya, Anselme conquista Nizza, e no fim da campanha de 92, as tropas republicanas acampam na fronteira da Hollanda, na margem direita do Rheno, nos cumes dos Alpes, na margem esquerda do Var, enquanto um novo exercito de observação, commandado pelo general Servan, vigia nos Pyrenéos os movimentos evidentemente pouco benevolos da Hespanha, que se prepara para a lucta.

Mas a Europa, assustada devéras com este desbordar da lava revolucionaria, indignada pela audacia da Convenção, que lhe arroja como luva sanguinolenta a cabeça de Luiz XVI, marcha toda em armas contra a França imprudente. Ao mesmo tempo o fanatismo religioso e monarchico espalha pelas provincias occidentaes o incendio da contra-revolução. Como se isto não bastasse, a discordia lavra no seio dos mesmos republicanos, e o partido federalista põe em insurreição os departamentos. Nada consegue domar a energia de esses homens de bronze, de bronze igualmente contra a piedade e contra o desanimo, que presi-

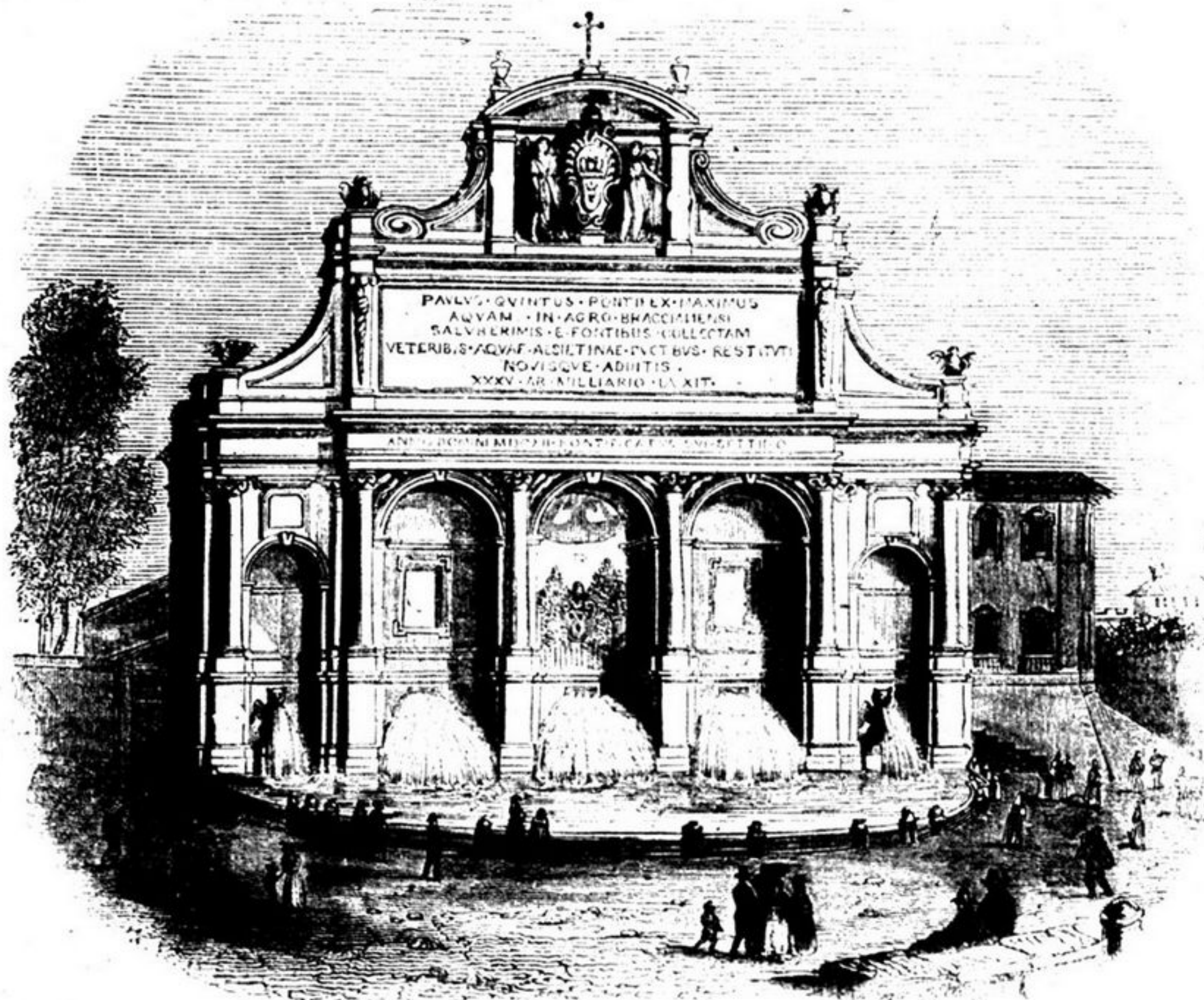
dem aos destinos da republica. As derrotas succedem ás victorias, a França vê-se num desses momentos de perigo, que ameaçam riscar para sempre uma nação da carta geographica do mundo. A Austria é á Prussia e ao Piemonte juntam-se a Inglaterra, a Hollanda, Napoles, a insurreição vendeana, a insurreição federalista. As tropas de Dumouriez, que invadiram a Hollanda, retrogradam, perdem a batalha de Nerwinde, com a batalha a Belgica, e, desamparadas pelo seu general em chefe que passa ao inimigo, entram em desordem no territorio francez. Enquanto o principe de Coburgo batia o exercito do Norte e recebia os inglezes auxiliares commandados pelo duque de York, e os hollandezes commandados pelo principe de Orange, o principe de Hohenlohe continha o exercito da Moselle debaixo das ordens de Ligneville e reduzia-o á inacção, o rei da Prussia derrotava o exercito do Rheno commandado por Custine, e fazia o cerco de Mogunzia. Os piemontezes ameaçavam o exercito dos Alpes commandado por Kellermann, e repelliam de Saorgio o exercito de Var debaixo das ordens de Brune. Os Vendéanos, dirigidos por chefes habéis, acoassavam por toda a parte os exercitos de Brest, e da Rochella, commandados o primeiro pelo general Canclaux, o segundo pelo general Rossignol. A Normandia fremente ameaçava o fraco e irregular exercito de Cherburgo. Sessenta e sete departamentos sublevados pelos girondinos interrompiam a comunicação das tropas das fronteiras e obrigavam a formação de um novo exercito, que se dirigio contra as tropas federalistas commandadas por Wimpffen. Lyão, insurgida debaixo das ordens de Précy, retinha, em torno das suas muralhas, um exercito dirigido pelo representante do povo Dubois-Crancé. Marselha sublevando-se, e Toulon abrindo as portas aos inglezes resistiam ao exercito de Carteaux. O departamento da Lozère em armas não deixava marchar para as fronteiras os recrutas do Puy de Dome obrigados a suffocar esta insurreição parcial. E, como se não bastasse este inaudito levantamento de tropas, as vinganças dos convencionaes exigiam que um exercito de seis mil homens, commandado pelo improvisado general Ronsin, servisse de escolta ignobil á guilhotina.

(Continua)

M. PINHEIRO CHAGAS.

CHAFARIZ DE PAULO V, EM ROMA.

Esta palavra — *Roma* — é grandiosa. Passam os tempos, os seculos correm, os edificios desmornam-se, os heroes esboroam-se sob as lapides, as revoluções destroem e edificam, o mundo inteiro transforma-se, sobre as ruinas do passado frondeja o alamo robusto da liberdade, os homens caminham para a luz, para a aurora, para o alvorecer que aponta, e, comtudo, em meio deste refervor de paixões que se agitam, sempre um olhar saudoso se volve para a terra dos cesares, para a cidade eterna dos pontifices. — «Adeus, paiz de suaves recordações, dizia a *Corinna* de



Chafariz de Paulo V, em Roma

Stael, — adeus, grato asylo, em que a vida se não prende nem á sociedade nem aos acontecimentos, onde basta um olhar para accender o enthusiasmo, onde tudo o que nos cerca falla directo ao coração.» Eis a perduravel soberania de Roma, eis o condão da sua immortalidade. Que tem que a velha aguia não solte o vôo arrojado de sobre os pendões dos vexillarios, para se ir aferrar nas muralhas inimigas? que tem que as legiões da republica não apertem agora o cingulo, e que o canto de Probo não fira os ares de envolta com o alarido dos guerreiros? que importa a corôa mural ou o cereilho, o sago ou a roupeita, a gualteira ou a cogula? Deixae que as sombras de Antonino e de Trajano vagueem a altas horas em torno das suas coumnas; não quebreis o canto que os romanos entoam saudando o obelisco de S. João de Latrão; a Roma que as gerações contemplam, a Roma eterna, a que ha de pervalecer contra tudo e contra todos, é a Roma das artes, dos monumentos, a terra do colysseo, do Panthéon, da egreja de S. Pedro!

Ma divine Italie! o'mère de beauté!
Terre de grand savoir et de simplicité.
Ou lemourir est calme et le vivre facile...

Sem querermos abrir agora um vasto capitulo sobre as grandezas de Roma, restringir-nos-hemos ao assumpto de que trata a nossa gravura. Todos sabem quanto os romanos se interessavam pelo

farto abastecimento de aguas, e como para a conducção destas construíram magnificos aqueductos. Rios de água se distribuiam em direcções diversas; nas praças, nas casas, nas ruas, por toda a parte os reservatorios se ostentavam, os marcos fontenarios appareciam. Os hydrophobos não tinham que fazer na terra de Virgilio! Claudio e Agrippa, Mario e Domiciano, quantos presam o agradecimento da patria, quantos velam pelo bem publico, levantam-se da sede-curul, descancam da expedição, depõe o manto e o louro, e vão erguer ao lado da columna gloriosa o modesto chafariz popular. Quem se ha de rir desta previdencia affectiva, deste carinho paternal? Demais, cada *aqua* que se criava era um monumento que se erigia; o bello dava a mão ao util, e em quanto se beneficiava o presente edificava-se para o futuro. As municipalidades actuaes tinham muito que aprender com estes velhos patricios!

Os tres aqueductos hoje existentes em Roma são: o antigo *aqua virgine*, reconstruido em 1450, que lança as suas aguas na *fontana di Trevi*, ao norte da praça do Quirinal, o *aqua felice*, construido por Sixto V, que alimenta a *fontana de Termini*, e sobre a margem direita do Tibre o *aqua Paola*, construido por Paulo V, cujas aguas correm para a *fontana paolina*, bem como para as duas fontes do vaticano na praça de S. Pedro.

A fonte Paulina, que a nossa gravura repre-

senta, foi, como já dissemos, construída pelo papa Paulo V, em 1612. Como monumento architetónico é ella sem duvida dos mais notaveis no seu genero. As seis columnas que o adornam são de granito vermelho, e sobre o entablamento que sustentam levantam-se as armas do pontifice. De tres aberturas feitas nos intercolumnios, e da bocca de dois dragões, peças das armas da familia Borghese, a agua jorra em um immenso tanque de marmore.

Tal é o edificio de que hoje apresentamos um fiel transumpto.

DE ALGUNS POETAS PORTUGUEZES

QUE ESCREVERAM EM HESPAÑHOL

I

Não ha muito que neste jornal se deu conhecimento ao publico das obras notaveis d'um poeta portuguez, que nos andava perdido pela litteratura hespanhola, porque da lingua dos nossos visinhos se servira na composição das suas comedias, dos seus versos, de tudo, enfim, quanto constitue o seu peculio litterario. Foi este poeta João de Mattos Fragoso, e os leitores de certo applaudiram a reivindicacão da sua gloria feita por um redactor deste periodico, que sempre timbrou de patriótico.

Efectivamente um poeta ou um prosador, porque circumstancias quaesquer o impelliram a escrever numa lingua alheia, não deve ser proscripto da comunidade litteraria da nação a que pertence. Uma nação é uma grande familia que tem habitos, caracter, idéas particulares, que os seus membros bebem com o leite da infancia, que aspiram na atmospheria da patria, e cuja expressão constitue a litteratura nacional. Se fôr tambem nacional o idioma em que se traduzirem essas idéas, mais fortes serão os laços que ligam o escriptor á familia de que faz parte, se o não fôr, se fôr de fabrica alheia o instrumento de que o poeta ou o prosador se servir, de alheia mina o ouro em que traduzir os seus elevados pensamentos, regeital-o-hemos por isso do nosso seio? Não, mil vezes não. Se fôr de Paros, em vez de ser de Carrara, o marmore donde o cinzel de Miguel Angelo arrancar o seu magestoso Moysés, deixará por isso a Italia de considerar como seu filho o grande esculptor? Cedemos nós mesmos á nossa vizinha a gloria de Fernão de Magalhães, porque o grande descobridor apprehendeu a sua viagem de circumnavegação á testa de tripulações hespanholas e em navios hespanhoes? Não se honra Genova de contar Colombo no numero de seus filhos, porque a descoberta da America á Hespanha aproveitou e com os recursos da Hespanha foi tentada? Deixa Florença de mostrar com respeito e ufania aos estrangeiros a casa onde morou Americo Vespuccio, porque Americo Vespuccio esteve ao serviço d'el-rei de Portugal, e sempre capitaneou navios portuguezes? E se a patria reivindica a gloria de seus filhos, mesmo quando estes se serviram de alheios instrumentos, só por que o genio d'elles germinou e se desenvolveu

no doce calor do ninho da sua infancia, só porque as tradições patrióticas concorreram talvez para lhe sazonarem os fructos da intelligencia, porque motivo hão de ser os escriptores excluidos desta lei geral, e regeitados despiadosamente, porque não desentranharam do marmore nacional os seus primores d'arte, porque apprehenderam com vocabulos estrangeiros a descoberta de algum maravilhoso mundo da phantasia?

Não, mil vezes não. Esse preconceito, admittido quando a belleza do estylo se julgava ser o unico merecimento litterario, quando a elevação e a originalidade da idéa eram completamente desattendidas não deve ser ainda hoje adoptado, hoje que pedimos aos poetas mais do que a melodia do verso, e a nobreza da expressão, hoje que o prosador não adquire a immortalidade pelo preço baratissimo dos periodos sonoros, e da linguagem elegante e castiça.

Foi por muito tempo habitual entre os escriptores portuguezes escreverem indifferentemente na sua propria lingua, ou na castelhana. As intimas relações que nos uniam, tornavam não só aos homens instruidos, mas tambem ao vulgo, familiar o uso dos dois idiomas. Ambos ainda, se não nas faixas da infancia, pelo menos no viço da adolescencia tinham conservado entre si uma semelhança quasi de gemeos. Não eramos só nós que escreviamos em castelhano, eram elles tambem que escreviam em portuguez. Alfonso X deixou muitas canções no dialecto portuguez ou gallego, que, primeiro do que todos os da peninsula, se vasara nos moldes da poesia. Mas depois a lingua castelhana continuou a sua formação com mais rapidez do que a nossa. Emquanto os nossos reis e principes balbuciavam trovas em que se repetiam uns aos outros, os Hespanhoes apresentavam uma serie brilhantissima de poetas, que faziam dar ao idioma castelhano passos agigantados. João Lorenzo Segura escrevia o seu *Poema de Alexandre*, o arcepreste de Hyta, apesar do seu caracter sagrado, balbuciava trovas profanas e desenhava o typo da beata alcoviteira; o Rabbi de Santob compunha a sua original *Dança da morte*; os marqueses de Villena e de Santillana traduziam ou imitavam Dante; Juan de Mena excitava a admiracão de toda a Hespanha e da Europa com o seu fastidioso *Labyrintho*; Baena, Villasandino, e Rodriguez del Padron transformavam a cõrte de D. João II de Castella numa verdadeira cõrte de trovadores, e o idioma poético de Hespanha desbastava-se, polia-se, aperfeicoava-se e aprimorava-se. Entretanto o portuguez, que dera primeiro passos de gigante, caminhava com maior vagar, e devia a Bernardim Ribeiro e a Gil Vicente o seu impulso mais vigoroso. Depois veio a escola dos Sãs de Miranda, e dos Ferreiras, introduzio se a moda da imitacão, apagou-se por conseguinte o caracter de nacionalidade do espirito das litteraturas, espalhou-se sobre todas uma tinta uniforme, e logo que a questão da palavra tomou uma importancia solemne, o aperfeicoamento dos idiomas nacionaes tornou-se um dever

impreterível. Foi esse, devemos dizel-o, o grande serviço da Renascença, foi o ennobrecimento das linguas modernas. Entre nós Ferreira dedicou-se de corpo e alma a esse trabalho e empregou toda a influencia que exercia, como mestre, na pleiade poetica do seu tempo para que o ajudassem nesse trabalho. Segundo elle prégava, não se devia escrever noutra lingua que não fosse a nacional. Enquanto as litteraturas tinham sido filhas espontaneas do solo, não havia que pensar em nacionalidades, o cunho patrio lá ia impresso no pensamento. Quando foram todas engeitadas mettidas no hospicio romano, foi necessario pendurar-lhes ao pescoço a medalhinha patriotica. Elle mesmo dava o exemplo, e os seus amigos poderam dizer depois da sua morte:

Que dando á patria tantos versos raros
Um só nunca lhe deu em lingua alheia.

II

E comtudo o costume existia, e não era facil destruil-o. O uso dos dois idiomas continuava a ser familiar aos poetas. Dois seculos de odio a custo o desarraigaram. Antonio Ferreira prégava, ralhava, amuava-se com o seu amigo Francisco de Sá de Miranda, que escrevia em hespanhol os seus mais bellos versos, mas não conseguia triumphar. O proprio Pero de Andrade Caminha, seu discipulo obedientissimo, não se eximio ao contagio e escreveu em hespanhol. Por isso teve que aturar ao bom Ferreira uma severa monitoria em tercetos, adoçada pela amisade, recheiada de optimos versos, e que teve tanta influencia no animo de Caminha que este lançou ao fogo quantas poesias castelhanas tinha entre os seus papeis. Prestemos acatamento ao bom doutor, e não alcunhemos de caturrice o amor ardentissimo que á lingua patria consagrava. Como a Magdalena, muito lhe será perdoado, porque muito amou. E' verdade que elle ao mesmo tempo que exaltava a letra assassinava o espirito.

Quasi todos os poetas do tempo, apesar dos sermões de Ferreira, lá faziam os seus versinhos em castelhano. Alguns mesmo, como Jorge de Montemór, apenas por memoria rabiscavam uma ou duas poesias na sua lingua nacional. Fariamos quasi uma historia completa da litteratura portugueza se quizessemos dar conta de todos os poetas que na lingua castelhana escreveram. Neste rapido bosquejo apenas apontaremos dois, um, cujas composições portuguezas e hespanholas estão quasi inteiramente olvidadas, e outro mui conhecido pelos seus livros portuguezes, mas que lavrou no ouro hespanhol os seus mais bellos poemas, poemas tambem entre nós quasi totalmente desconhecidos. Chama-se aquelle Pedro da Costa Perestrello, e o seu nome não encontra ecos, provavelmente, no espirito da maioria dos nossos leitores; chama-se o segundo Jeronymo Corte-Real, nome que lembra a todos immediatamente o *Cerco de Dio* e o *Naufragio de Sepulveda*, mas não a *Victoria de Lepanto*, poema epico em verso hespanhol, que a nenhum dos dois primeiros é de certo inferior.

Nesta mesma batalha de Lepanto, cantada por Jeronymo Corte Real, parece que andou Pedro da Costa Perestrello, de cuja vida nada absolutamente se sabe. Ignora-se como elle foi parar a Lepanto, quando havia em Portugal tanto que fazer para um braço que não gostava de estar ocioso. Parece comtudo que não se deu muito bem pelo estrangeiro, e parece, até, que só escreveu em hespanhol, para que a gente desse paiz entendesse bem as injurias que lhe dirigia, como se prova pela seguinte satyra que elle escreveu contra Madrid, e que é uma das mais violentas e ao mesmo tempo das mais chistosas que seja possivel encontrar-se. A quintilha fustigadora, que tão bem vibrava em portuguez nas mãos de Nicoláo Tolentino, já no seculo XVI nas mãos de Perestrello azorraga perfeitamente em hespanhol as faces dos verberados.

Ouçam estas amabilidades:

Ó Madrid, escuro infierno
Emulo del bien humano,
Que amonthonas con tu mano
Muladares en invierno
Para comer de Verano.

Tus aparencias serenas
Por mi mal las conoci,
Porque otro bien no te vi,
Sinon tus salidas buenas,
Porque-son salir de ti.

Isto é que se chama não só sacudir á porta da cidade inhospitaleira o pó das sandalias, mas atirar as mesmas sandalias para dentro dos muros á cara de toda a população.

Desterraste al niño ciego,
Y del mundo el bien mayor,
Dónde con poco valor
Arden tus damas sin fuego,
Que aman todas sin amor.

A la voz dulcisonante,
Que en la cithara seapura,
Diste nombre de locura,
Y al mas grossero amante
Das por dinero hermosura.

Las discretas y las necias,
De todas no quitando una,
Tractas en igual fortuna:
Tienes corruptas Lucrecias,
Mas non se mata ninguna.

Este fecho d'ouro é verdadeiramente torentiniano, e veja-se como o pensamento se completa na seguinte quintilha:

El Tarquinto es el dinero,
Que quita fuerza y dolor,
El Interés, el Amor;
Y de bravo es ya cordero
Cualquier Bruto vengador.

En las tierras donde yo moro
Cien gallinas toma un gallo;
Al carnero tantas hallo
Ovejas, vacas al tero
Tantas yeguas al caballo

Y tus hembras infernales
Que assi quieren que las nombres
Indinas d'otros renombres,
Mas que brutos animales,
Cada qual tiene cien hombres.

Prado tienes de placer,
Cercado de bosque aieno,
Fuera de ti como ageno,
Porque assi fué menester
Para ser el prado bueno.

Sécas de Verano el Rio
Llevas de invierno la puente
Eres seco indiferente,
Eres mas que hielo frio,
Mas que la fragoa caliente.

Quien te busca no se alaba
Sino despues que te viere,
Que dirá, si sabio fuere,
Quien te sabe no te quiere,
Quien te quiere no te sabe.

Muitas odes e muitas epistolas, uma traducção do livro de Job escreveu depois este poeta, mas a inspiração mordaz e vehemente que lhe dictára esta satyra a Madrid nunca mais a tornou a encontrar.

Parece que tambem escreveu um poema epico sobre a batalha de Lepanto a que assistira, mas esse poema, de que Barbosa Machado dá noticia, não chegou até nós. Em todo o caso basta esta singela peça de versos para lhe dar fóros de poeta de grande originalidade.

III

Ainda que a pessima disposição dos planos das suas epopeas, e o maravilhoso absurdo que emprega nos não auctorisem a darmos a Jeronymo Corte Real um lugar eminente entre os poetas epicos, comtudo as suas brilhantes descripções, o colorido ardente com que pinta os quadros do viver do marinheiro e do soldado, que lhe eram familiares, as comparações vigorosas e bem sustentadas que ás vezes lhe brotam em jorros candentes da sua vivissima phantasia fazem que sejam lidos com muito agrado os seus poemas apesar da sua interminavel extensão, dos seus episodios desligados, da falta de interesse que se nota em geral nessas epopeas, onde a magresa do assumpto em relação ás leis, então veneradas, do género epico é disfarçada com chumaços absurdos, ou por tal fórma espremida que apparece logo a osadura apesar do vestuario esplendido com que a procura encobrir.

O naufragio de Sepulveda, essa elegia singela e toda de lagrimas, vasada por Jeronymo Corte Real nos moldes da epopea, precisou, para que se ajustasse bem ás regras, do maravilhoso mais posição que lhe foi possivel inventar. Protheu namorado de Leonor! Amphitrite e as nymphas ciosas da belleza da esposa de Sepulveda, pedindo a Eolo que solte os ventos! Que fria! que insulsa! que detestavel trama a desfigurar o tão singelo e commovente fio das aventuras de Leonor e de Manoel de Sousa! Mas Aristoteles ordenava que houvesse maravilhoso, Virgilio seguia um certo caminho, e por mais que o assumpto andasse arredo de Aristoteles e de Virgilio, forçoso era que o pobresinho do assumpto seguisse um trilho aspero, onde tinha que supportar os mais descontraídos solavancos, e que deixar no gume de cada rochedo as suas naturaes e elegantes bellezas.

No *Cerco de Dio* empregou o seu auctor o systema de estirar o assumpto do modo mais interminavel e fastidioso. É uma longa successão de combates, de assedios, de sortidas, e de tempestades, quasi sempre muito bem narradas ou muito bem descriptas, mas que fatigam a mais intrepida paciencia. E ainda, para cumulo de desventura, quando o cerco finda, não finda o poema, e lá vae a musa, cõxa e rabugenta, acompanhar D. Manuel

de Lima pela costa de Cambaya, e D. João de Mascarenhas até o leito da morte.

Na *Victoria de Lepanto*, por muito grande que fosse o desejo do poeta, não podia sujeitar-nos á mesma provação. O amor e as mulheres são proscriptos, a batalha é uma só, parece á primeira vista que teremos um quadro pequeno, e por isso mesmo primoroso, visto que póde em estreitos limites apertar o auctor as scenas que melhor conhece e descreve. Pois apesar d'isso Jeronymo Corte Real teve a habilidade de escrever um poema em quinze cantos, de introduzir um templo a Cupido, Venus pedindo a Vulcano que fabrique armas para D. João d'Austria, e mil outras sem-saborias de igual jaz. Este homem era capaz de fazer um poema de vinte cantos sobre a guerra do pão barato!

Comtudo o poema tem em grau muito subido o merecimento habitual das obras deste poeta. As descripções das batalhas são verdadeiramente primorosas, cheias de fogo, de movimento e de vida. As comparações brotam naturalmente d'um jacto, e apesar d'isso saem perfeitas e completas. Daremos um especimen:

Como en las hierrarias de Cantabria,
Do se labra de hierro grande copia,
Aquellos duros yunque, golpeados
Con trabajo continuo e fuerza inmensa,
Hazen fiero sonido que ensordece,
Cualquiera habitacion circuevezina,
La mal compuesta casa, y techo humosa
De centellas ardientes occupando;
Aviva-se por puntos el combate
Cresce en ambas las partes furia y saña
Buela una cruda nube de saetas,
Que haze notable mal, y mortal daño;
Por el fesso allanado ya setienden
Varones valentissimos sin vida
En lagunas de sangre; otros con pena
Y rabias de la muerte se rebuelven.
El severo tyrano anda con ceño
Bravissimo a los suios animando,
Y con palabras asperas reprehende
A tan facil entrada tan o espacio.
Ellos desto afrentados arremeten
Con nuevo impeto, y nueva furia alzando
Al Cielo horrenda grita, assi ferozes
Con rabioso furor entrar insisten.

Segundo veem é esta uma bella descripção, rapida, animadissima, copiada do natural. Muitos outros soberbos trechos se encontram no poema, a par de grandes defeitos de estructura. Tal como é, ainda assim, esta epopea póde considerar-se uma das melhores que ha escriptas no idioma hespanhol.

Por este rapido bosquejo, e pelo artigo que neste jornal appareceu relativo a João de Mattos Fragoso, veem os leitores que estamos defraudados de esplendidos thesouros litterarios, e que obras de subido quilate, que nos pertencem, estão fazendo parte do legado estrangeiro. A Hespanha e Portugal são dois irmãos que por muito tempo tiveram em commum o seu peculio litterario; depois tantas brigas vieram que foi necessario reclamar cada um as glorias que lhe pertenciam. Ora quando chega a partilha, devemos regeitar magnificos diamantes, que são nossos, bem nossos, só porque estão engastados numa jola estrangeira?

PINHEIRO CHAÇAS.